

JAZZ

27, 28 NOVEMBRO 2015

CICLO "JAZZ +351"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

# Ricardo Toscano Quarteto

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Saxofone alto Ricardo Toscano Piano João Pedro Coelho  
Contrabaixo Romeu Tristão Bateria João Pereira

Sex 27, sáb 28 de novembro  
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

## A perder o medo

É um fenómeno de popularidade como nunca se viu no jazz em Portugal. Também Maria João e Bernardo Sassetti conquistaram audiências que ultrapassaram em muito este meio musical, mas foi necessária a ambos bastante insistência para tal acontecer. Com Ricardo Toscano, a apresentação pública no concurso de escolas da Festa do Jazz, em 2010, quando ainda contava com 16 anos de idade, criou uma vaga de fundo que tem feito lotar salas por todo o País. Todos os rapazes interessados numa carreira na música querem ser como ele e todas as raparigas... bom, todas as raparigas querem-no a ele. Sedutor, carismático, transmite aquela sensação de perigo (o perigo representado por uma música noturna, de bar, como o jazz) que faz lembrar os tempos em que um saxofonista de jazz podia ser um *sex symbol*, tal como o foi Paul Desmond com o mesmo instrumento que toca, o alto. O facto de Toscano também praticar boxe, tal como Miles Davis, ajudou a criar essa imagem.

Para isso não precisou de entrar pelos domínios da pop ou enveredar pela música erudita. É o jazz americano, o jazz dos negros americanos, que toca, aquele precisamente que parece condicionado a um consumo minoritário, senão marginal. Deve-se este sucesso à fama de “menino-prodígio” que o acompanha? Talvez, mas corresponder a esse rótulo tem exigido dele um redobrado investimento – não há fama sem suor, por mais naturalmente dotado que se seja. Nestes cinco anos foram muitas

as horas solitárias de estudo, longe da observação do público. Quando sobe a um palco, Toscano parece enchê-lo, tal a força da sua presença, e ele tem plena consciência do magnetismo que irradia, mas isso só não chega. Assim como não chega ter competência técnica: é preciso saber o que fazer com a dita, e o certo é que este jovem de 21 anos sabe como levantar voo e manter o avião lá em cima.

Ou seja, e para utilizar as suas próprias palavras, está ciente de que, para além de «partir a loiça toda», é fundamental «pensar à frente» e «ter um conceito». O que nos desarma é a humildade com que Ricardo Toscano tem gerido isto tudo. Casos de menor protagonismo fizeram empinar alguns narizes e desabituaamo-nos desta atitude. «Procuo ser o mais honesto possível. Estou a descobrir-me cada vez mais como improvisador, estou a entrar mais em contacto comigo e a descobrir melhor o meu ADN. Ando a tentar pôr isso cá para fora. Sobretudo, sinto-me a perder o medo», diz.

A curiosidade que vem suscitando virá de uma maior acessibilidade do seu jazz? Nem por isso: «A música que faço é muito inspirada na década de 1960. É inspirada no quinteto de Miles, no quarteto de Coltrane, em Ornette. Eu sei que é música difícil, mas é a música que eu amo, e quando a toco só tento dar o meu melhor, até em forma de agradecimento.» Como adiantou em entrevista à jazz.pt, os concertos do seu quarteto costumam abrir com uma versão do *Crescent* de John Coltrane, e isso para que possa «mandar logo o ego fora».

Toscano tem a noção, à partida, de que o seu solo nunca poderá aproximar-se do brilhantismo do mestre e que essa limitação, essa falha, é precisamente o que o levará a dar o tudo por tudo no resto da atuação.

Ele e toda a banda, aliás, já que João Pedro Coelho, Romeu Tristão e João Pereira partilham com Ricardo Toscano a mesma compulsão para se atirarem à música, suceda o que suceder. «Estou muito feliz por ter reunido este grupo. Além da nossa química musical somos bastante amigos, o que facilita a conexão. Estamos lá uns para os outros, cada um servindo os restantes três», refere. Esta interatividade revela-se essencial para aquilo que mais lhes interessa no jazz, a improvisação: «Não colocamos limites para o improviso. Muitos momentos dos nossos concertos são completamente improvisados, mesmo que não pareça. Um de nós começa a tocar qualquer coisa, vamos atrás e desembocamos em algum tema. Ou não, pois também temos explorado improvisações em que nada está estabelecido.»

As referências estão claramente no *bebop* e no *hard bop*. Há na música que nos dão a ouvir alguma coisa de Charlie Parker e do já mencionado Coltrane, assim como transparece a admiração que o saxofonista tem pelo *groove* de Cannonball Adderley, mas alguns recursos e preceitos do jazz modal, do *free jazz* (o quarteto interpreta peças de Ornette Coleman) e do jazz contemporâneo são inseridos. O que Toscano faz resulta de muitas audições, de muita análise: «Sou uma esponja. Foi, sobretudo, com os discos que aprendi.

Oiço jazz desde que me lembro. Cresci a ouvir, a tocar por cima, a tentar compreender.» Numa conversa com ele surgem naturalmente nomes como Wayne Shorter, Dewey Redman, Steve Coleman, Greg Osby, Branford Marsalis, Danilo Perez, Tim Berne.

Todos eles lhe deram bons exemplos de que «o mais importante, depois da capacidade de expressão, é a de reação, no sentido de conseguir lidar com uma nova proposta em tempo real e de ver um problema como a oportunidade de descobrir um novo caminho». Pouco lhe importa a “escola” ou a tendência de onde essa lição provenha. Para todos os efeitos, o jazz é na sua opinião, e simplesmente, uma atitude, uma «forma de estar definida pela partilha, pela honestidade e pelo amor». A preferência por situações *swingantes* e com balanço rítmico não excluem o seu gosto pela abstração: «Afinal, Steve Coleman só toca *grooves* e aquilo que grava com os Five Elements é muito abstrato.»

Daí que Toscano não entenda o que significa a ideia de *mainstream* e o que leva à sua habitual associação – por outros, que não ele – com essa suposta área do jazz. «Os músicos com quem toco têm estilos completamente diferentes, pelo que não sei o que é *mainstream* neste momento nem sei de alguma linha definida que possa ser designada desse modo», argumenta. De facto, as suas colaborações com os Lokomotiv de Carlos Barretto, com João Hasselberg ou com o decateto de Nelson Cascais não podem ser inseridas nesse rótulo, assim como o Ricardo Toscano Quarteto está muito longe de apresentar

um jazz fácil, conservador e comercial. O que, mais uma vez, leva à pergunta: porquê esta popularidade? Porque é que esgotou com um mês de antecedência o concerto previsto para a Culturgest, tendo sido preciso marcar duas datas?

Toscano investiu tudo na sua condição de instrumentista e improvisador, levando a que seja, entre nós, um dos mais requisitados músicos da atualidade. Nestes últimos anos tem surgido nos mais diversos grupos, inclusive naqueles que adotam o que chama de «harmonia portuguesa», à maneira de João Paulo Esteves da Silva. Regra geral, toca a música dos seus parceiros ou de nomes grandes da história do jazz, pois não é um compositor. Nesse mister em que vários outros excelentes improvisadores estão a firmar a sua marca, como Desidério Lázaro, João Guimarães, Susana Santos Silva, João Hasselberg ou João Mortágua, apenas agora está a dar os primeiros passos: «Ainda não escrevi nada em concreto, mas estou a trabalhar numas ideias. Não tenho muita esperança na minha veia de autor, mas tentarei expressar uma visão pessoal...»

Não é comum ter um não-compositor à frente de um combo como este, mas as perspetivas que vem dedicando ao saxofone abriram-lhe perspetivas de grupo e são essas que tomam forma no Ricardo Toscano Quarteto: «Nesta banda sinto que sou diferente do que em outros projetos. Procuo sobretudo o desconforto, procuro propostas diferentes e lidar com isso cada vez melhor. Nas outras bandas não posso impor as minhas fórmulas, porque a minha função não é essa. Nesta tenho

mais espaço. De resto, todos nós temos bastante espaço. O objetivo é improvisar o máximo possível, com uma boa dose de erro à mistura, e tentar usar esses erros, os sarilhos em que nos metemos, como possibilidade de sair para um sítio bom.»

Como terão reparado, o verbo “tentar” é uma constante no discurso de Ricardo Toscano. Só podemos aplaudir quando um jovem que tanto fez, tendo conquistado um lugar entre os nossos melhores, se preocupe não com as vitórias conseguidas e sim com o propósito de aperfeiçoar o que já é ótimo. É difícil imaginar o que será ele daqui a 10 anos, mas estaremos cá para o testemunhar, com a certeza de que será – continuará a ser – um privilégio.

Rui Eduardo Paes

Ensaísta, crítico de música,  
editor da revista *online jazz.pt*

**Ricardo Toscano**  
saxofone alto

O primeiro instrumento de Ricardo Toscano foi o clarinete, que começou a praticar numa orquestra filarmónica. Ainda com esse instrumento entrou aos 13 anos no Conservatório de Música de Lisboa, transitando dois anos depois para a Escola Profissional Metropolitana. Aos 16 anos, matriculou-se na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas e mudou para o saxofone alto, tendo Desidério Lázaro como professor. Atualmente, integra os Lokomotiv de Carlos Barretto, o Mário Barreiros Quarteto e o Sexteto de Jazz de Lisboa, além de colaborar em projetos de Nelson Cascais.

**João Pedro Coelho**  
piano

João Pedro Coelho terminou o Conservatório de piano com apenas 18 anos e uma classificação de 18 valores. Se parecia destinado a ser um intérprete de música clássica, virou-se para o jazz inscrevendo-se na licenciatura de Jazz e Música Moderna da Universidade Lusíada. Hoje, frequenta o Conservatorium van Amsterdam, na Holanda. Mantém um duo com Gonçalo Neto.

**Romeu Tristão**  
contrabaixo

A estreia de Romeu Tristão na música fez-se com um baixo elétrico em contexto rock, mas a sua entrada na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas, aos 18 anos de idade, coincidiu com a adoção do contrabaixo. A sua formação completou-se na Escola Superior de Música de Lisboa e no Conservatoire national supérieur de musique et de danse de Paris. É membro do grupo The Wild Bunch.

**João Pereira**  
bateria

Com formação clássica em percussão na Escola Metropolitana de Música e no Conservatório Nacional de Lisboa, João Pereira entrou na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas com apenas 15 anos, centrando a sua atenção na bateria. Passou depois pela Escola Superior de Música de Lisboa e pelo Conservatoire national supérieur de musique et de danse de Paris. Tocou em grupos como Filipe Melo Trio, Sara Serpa & Fragmentz e André Santos Quarteto.

Próximo espetáculo

# Joe Morris Quartet

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

**Jazz** Qua 2 de dezembro

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6

**Guitarra** Joe Morris **Viola** Mat Maneri  
**Contrabaixo** Chris Lightcap  
**Bateria** Gerald Cleaver

Se quisermos escolher o mais representativo exemplo da característica identidade do jazz de Nova Iorque na década de 1990, nenhuma outra formação além do Joe Morris Quartet teria igual simbolismo. As passagens do grupo de Joe Morris, Mat Maneri, Chris Lightcap e Gerald Cleaver por espaços como a Knitting Factory, e discos como *Underthru* e *At the Old Office*, marcaram aquele tempo e a estética que ficou conhecida como própria da cena *downtown*. O projeto desfez-se entretanto, com cada um dos músicos a desenvolver as suas independentes atividades como líderes e compositores, para de novo se reunir com um disco, *Balance* (2014), que veio estender para outros desfechos o que antes tinha proposto.

O que quer dizer que, se este é o mesmo Joe Morris Quartet, é também

© Petr Cancura



outra coisa que o passado não fazia suspeitar. E designadamente na forma como composição e improvisação se conjugam, agora ainda mais aberta. O guitarrista e mentor, Joe Morris, apenas traz consigo alguns motivos melódicos e tudo o resto se acrescenta com base nos princípios da espontaneidade, da intuição e das experiências individuais numa dedicação específica: tornar a escuta dos outros num princípio criativo. Resulta uma música vibrante, fortemente interativa e feita de minúcias, tão orgânica quanto um campo pronto a lavrar.

**Conselho de Administração****Presidente**

Álvaro do Nascimento

**Administradores**

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

**Assessores****Dança**

Gil Mendo

**Teatro**

Francisco Frazão

**Arte Contemporânea**

Miguel Wandschneider

**Serviço Educativo**

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

**Direção de Produção**

Margarida Mota

**Produção e Secretariado**

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

**Exposições****Coordenação de Produção**

Mário Valente

**Produção**

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

**Culturgest Porto**

Susana Sameiro

**Comunicação**

Filipe Folhadela Moreira

Estagiária:

Carlota Carmo

**Publicações**

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

**Atividades Comerciais**

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

**Serviços Administrativos e Financeiros**

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

**Direção Técnica**

Paulo Prata Ramos

**Direção de Cena e Luzes**

Horácio Fernandes

**Assistente de Direção Cenotécnica**

José Manuel Rodrigues

**Audiovisuais**

Américo Firmino

(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

**Iluminação de Cena**

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

**Maquinaria de Cena**

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

**Técnico Auxiliar**

Vasco Branco

**Frente de Casa**

Rute Sousa

**Bilheteira**

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

**Receção**

Sofia Fernandes

**Auxiliar Administrativo**

Nuno Cunha

**Coleção da Caixa Geral de Depósitos**

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt